

Sarney tenta sensibilizar Bush sobre crise da dívida

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — O presidente José Sarney já mandou duas cartas ao presidente George Bush, ambas num tom muito pessoal, mais literário do que protocolar. Nessa correspondência secreta, Sarney tenta sensibilizar Bush para a gravidade da crise da dívida externa e ressalta a importância do apoio norte-americano para seu governo. Esse deverá ser também o tom do encontro dos dois presidentes esta semana, em Tóquio, segundo avaliação de funcionários americanos. Bush deverá, porém, ouvir mais do que falar, pois seu governo deu prioridade à questão da dívida, mas ainda não chegou a uma conclusão sobre o que fazer.

A última carta de Sarney foi enviada a Washington no mês passado, na época em que o secretário-geral do Ministério do Planejamento, Ricardo Santiago, esteve aqui chefiando uma missão que tentou, mas não conseguiu, apoio econômico e político do governo dos Estados Unidos para o Plano Verão. A embaixada brasileira confirmou apenas que houve cartas de Sarney para Bush.

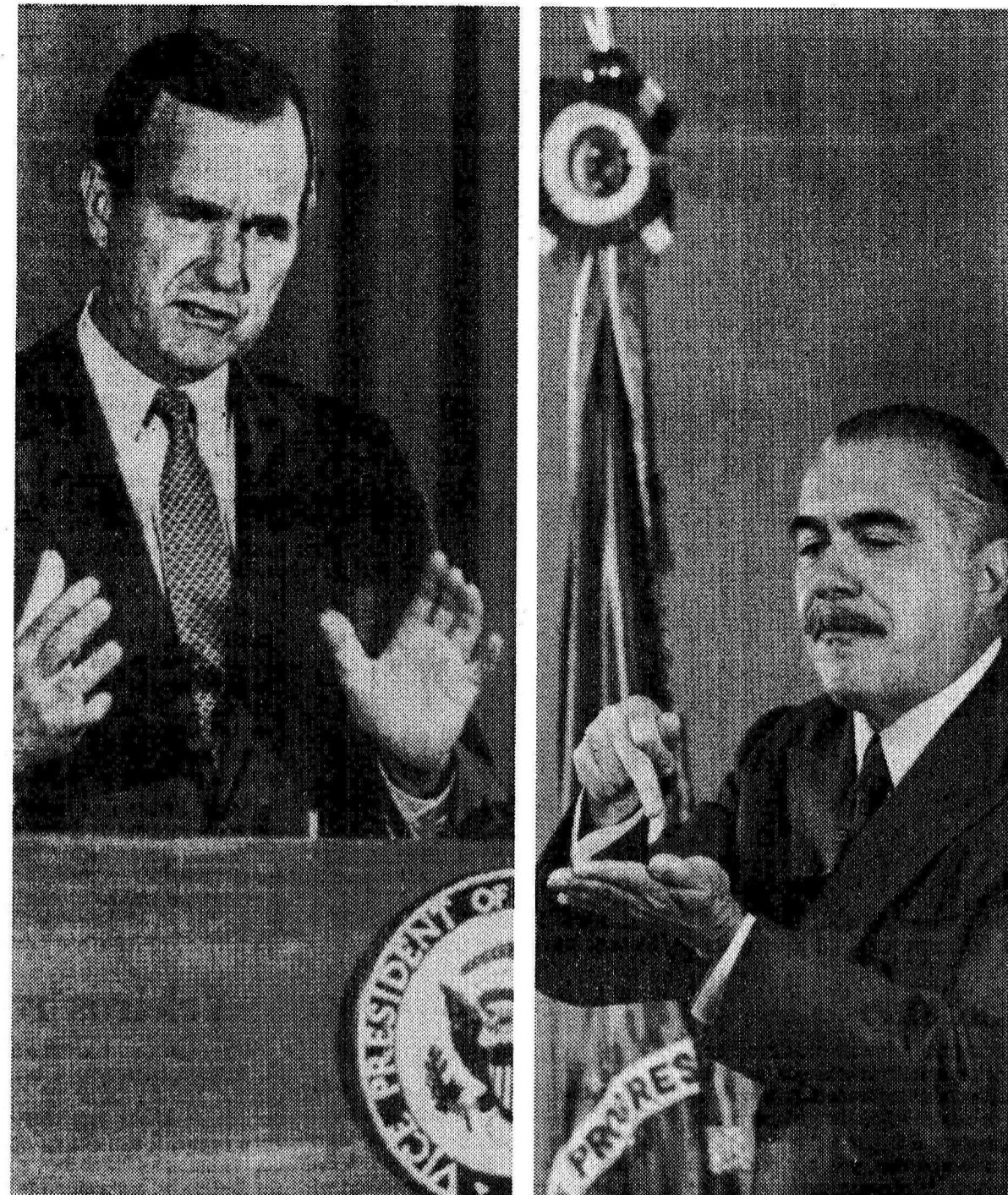
Complicação — O tom tão pessoal, poético e literário da carta do presidente brasileiro complica, segundo uma fonte americana, a elaboração de uma resposta, que seria mais fácil se se tratasse de uma mensagem simplesmente protocolar. Um assessor do Palácio do Planalto também confirmou a existência dessa correspondência, ressaltando que Bush e Sarney já se conhecem há muito tempo. Explicou que o então senador José Sarney em 1972 foi apresentado a George Bush, que era, na época, embaixador dos EUA nas Nações Unidas. Depois, se encontraram novamente em 1985, quando Bush viajou a Brasília para a posse de Tancredo, e mais tarde, na visita de Sarney a Washington.

Até o final da semana, a Casa Branca não confirmava oficialmente o encontro de Tóquio, mas fontes dos dois governos garantiam não haver mais dúvidas de que o desejo de Sarney seria atendido. A entrevista se limitará a apenas 20 minutos, devido à apertada agenda que o presidente dos Estados Unidos terá de cumprir em Tóquio, paralelamente às cerimônias dos funerais do imperador Hiroito.

Diplomatas disseram que esse tipo de encontro geralmente não serve para o tratamento de assuntos concretos, mas são muito úteis para melhorar o relacionamento pessoal entre os governantes. A avaliação de funcionários americanos é, contudo, de que Sarney não somente aproveitará a oportunidade para tentar sensibilizar o presidente Bush para o problema da dívida externa, mas até mesmo para renovar o pedido de ajuda política e financeira para o atual plano antiinflacionário brasileiro.

Sem planos — O presidente americano estará prevento sobre os principais assuntos que Sarney deverá tocar, na opinião da embaixada americana em Brasília, mas não deverá ter muita coisa de concreto para responder. Bush está dando prioridade para a questão da dívida externa do Terceiro Mundo, mas seu governo ainda não chegou a um acordo sobre o que se deve fazer. Quanto ao pedido de ajuda para o atual sufoco financeiro do país, a decisão dos Departamentos de Estado e do Tesouro foi de não dar o empréstimo-ponte ou linha de crédito condicionada de US\$ 5 bilhões pedida simultaneamente ao lançamento do Plano Verão.

O embaixador Marcílio Marques Moreira viaja amanhã para Los Angeles, para se encontrar com o presidente José Sarney que fará escala, para descansar, naquela cidade terça-feira, a caminho de Tóquio. Marcílio foi na sexta-feira ao Departamento de Estado acertar os detalhes da reunião de Bush com Sarney, e apresentará relatórios especiais ao presidente, preparando-o para o encontro.



No terceiro encontro entre ambos, Bush (E) não dirá o que Sarney espera ouvir

Japão cresce na liderança

Os Estados Unidos estão correndo o sério risco de perderem sua tradicional posição de liderança nas grandes decisões do sistema financeiro mundial, diante do interesse de outros países industrializados de resolver a grave crise da dívida externa do Terceiro Mundo. Embora o presidente George Bush tenha anunciado uma "revisão total" da posição americana a respeito do problema, até agora Washington ainda não deu sinal de que deixará de ser um bastião contrário a soluções políticas para a crise.

O Japão e os países europeus, por outro lado, parecem muito mais sensíveis ao problema e interessados em encontrar uma saída, diante de uma situação que só tem feito agravar-se. Neste momento, há uma proposta japonesa e outra francesa para aliviar o peso da dívida para os países pobres. As duas estão em estudos pelos Grupo dos Sete, que reúne os países capitalistas mais ricos. Nas três últimas reuniões do grupo, os Estados Unidos impediram qualquer avanço de propostas inovadoras, insistindo com o fracassado Plano Baker, lançado em 1985.

Não há ainda um consenso no governo Bush, por exemplo, sobre a proposta de criação de uma instituição multilateral, ligada ao Banco Mundial e ao FMI, que coordenaria um esquema de redução da dívida dos países pobres. O Congresso determinou que o Executivo fizesse, em seis meses, um estudo sobre a questão. O prazo vence na próxima quinta-feira, mas o Departamento do Tesouro pediu mais três semanas.

Grupo dos Sete — O adiamento foi concedido pelo Congresso e o relatório só será enviado às vésperas da reunião anual do Fundo e do Banco Mundial, em março, quando se espera

também o anúncio de uma decisão do grupo dos Sete sobre as propostas francesa e japonesa, que se compatibilizam com a criação dessa nova instituição internacional. O problema é que o Departamento do Tesouro é contra e o secretário de Estado, James Baker, também não gosta da idéia.

Dentro do governo Bush, a questão da dívida parece estar sendo levada mais a sério na área da segurança nacional do que nos gabinetes dos secretários do Tesouro ou de Estado. É o chefe do conselho de segurança, Brent Scowcroft, que está percebendo as implicações políticas ou geopolíticas do agravamento, lento mas seguro, da crise da dívida. E essa possibilidade, apontada por observadores diplomáticos, de os Estados Unidos estarem diante da possibilidade de serem atropelados pelos fatos e perderem a liderança de uma iniciativa de resgate.

Os bancos japoneses, que ocupam o segundo lugar entre os maiores credores dos Terceiro Mundo, logo depois dos americanos, estão seguindo o exemplo de seu governo, interessado em ter uma voz mais ativa no cenário político da economia mundial. Uma voz mais compatível com o tamanho e a importância de sua economia. O *Wall Street Journal* revelou, anteontem, por exemplo, que os bancos japoneses estão exigindo e conseguindo mais lugares nos comitês de assessoramento que coordenam as negociações com os devedores latino-americanos. No comitê que lida com o Brasil, por exemplo, os japoneses tinham apenas um representante, o Banco de Tóquio, e agora têm um segundo: o Mitsubishi Bank. (R.C.A.)